



A importância dos mitos na formação do imaginário

Minha experiência "sobrenatural"

Lembro-me de quando era criança e ouvia lendas de meus familiares. Até meus 15 anos tive medo de ver um lobisomem; até os 17 tive medo de ver alguma assombração passando pela porta do corredor, pois eu dormia num quarto que não tinha porta e dava pra ver a porta do corredor. Uma vez, ainda criança, mais ou menos uns sete anos de idade, lembro-me de estar no quarto com meu pai e minha mãe. Ela estava no banheiro, escovando os dentes, eu e meu pai estávamos na cama. Naquele dia eu estava muito tagarela, não parava de falar nem sequer por um minuto. Então, numa tentativa de ter um pouco de paz, meu pai disse "Levi, para de falar por um instante, porque se não o homem vai vir te buscar. Ele pega menino que fala muito". Eu, me achando o esperto, respondi " ah, isso é mentira, já sei disso". Bem, eu só não esperava que algo como irei descrever iria acontecer. Quando terminei de falar a frase, imediatamente escutei uma batida na porta do quarto e outra do outro lado da parede, mas era a parede da sala. Imagine um quarto, a porta fica na frente do quarto, a parede que é do quarto e da sala é do lado direito do quarto. Pois bem, esta segunda batida veio do outro lado da parede. Desse outro lado havia um sofá, a batida veio numa altura que parecia ter alguém em cima dele. Atônito com o que acabara de acontecer, fiquei completamente paralisado. Nunca tive coragem pra essas coisas.

Era hábito de meu pai e o amigo dele contar lendas que, para uma criança na idade que eu tinha, é, sem sombras de dúvidas, algo traumatizante. Não sei, sinceramente, o que eles esperavam que eu desenvolvesse ao escutar essas lendas; se era coragem ou medo.

A imaginação

Andar pela casa em plena noite era um desafio, uma aventura enorme. Quem nunca saiu correndo para o quarto enquanto apagava as luzes da casa? Todo o mundo já fez isso. A minha imaginação ia a mil por hora. Acho que isso foi um fator positivo na minha formação como pessoa. Essa criatividade para imaginar todos aqueles monstros, cenários e todas as histórias que eu escutava, me ajuda até os di## Minha experiência "sobrenatural"

Lembro-me de quando era criança e ouvia lendas de meus familiares. Até meus 15 anos tive medo de ver um lobisomem; até os 17 tive medo de ver alguma assombração passando pela porta do corredor, pois eu dormia num quarto que não tinha porta e dava pra ver a porta do corredor. Uma vez, ainda criança, mais ou menos uns sete anos de idade, lembro-me de estar no quarto com meu pai e minha mãe. Ela estava no banheiro, escovando os dentes, eu e meu pai estávamos na cama. Naquele dia eu estava muito tagarela, não parava de falar nem sequer por um minuto. Então, numa tentativa de ter um pouco de paz, meu pai disse "Levi, para de falar por um instante, porque se não o homem vai vir te buscar. Ele pega menino que fala muito". Eu, me achando o esperto, respondi " ah, isso é mentira, já sei disso". Bem, eu só não esperava que algo como irei descrever iria acontecer. Quando terminei de falar a frase, imediatamente escutei uma batida na porta do quarto e outra do outro lado da parede, mas era a parede da sala. Imagine um quarto, a porta fica na frente do quarto, a parede que é do quarto e da sala é do lado direito do quarto. Pois bem, esta segunda batida veio do outro lado da parede. Desse outro lado havia um sofá, a batida veio numa altura que parecia ter alguém em cima dele. Atônito com o que acabara de acontecer, fiquei completamente paralisado. Nunca tive coragem pra essas coisas.

Era hábito de meu pai e o amigo dele contar lendas que, para uma criança na idade que eu tinha, é, sem sombras de dúvidas, algo traumatizante. Não sei, sinceramente, o que eles esperavam que eu desenvolvesse ao escutar essas lendas; se era coragem ou medo.

A lenda do demônio anão

Lembro-me de uma lenda muitíssima interessante e que me deixou com bastante medo. Era a lenda do demônio anão. É, eu sei, é um nome bem pesado, mas fazer o quê, né!? A lenda dizia que havia um demônio anão que andava em cima dos telhados, e que ele era muito ligeiro. Ele usava um chapéu. Debaixo desse chapéu ele carregava ouro. Quem conseguisse tirar o chapéu dele, ganharia o ouro. Mas havia um porém, ele por ser ligeiro e ser um demônio, pregava muitas peças e destruía tudo o que tivesse à sua frente. Obviamente que se o cabra fosse lento, levaria uma pisa dele. O bicho era nojento. Ao ouvir essa lenda, logo imaginei um anão todo preto, com um gorro vermelho e com correntes e anéis de ouro, parecendo um cigano.

A mulher lobisomem

Uma lenda que fez sucesso aqui na minha região, naquele tempo, foi de uma mulher lobisomem. É, nordeste não é pra amadores. Essa mulher lobisomem, diziam as pessoas, estava grávida. Eu só sei que ela rodou quase o Rio Grande do Norte todo. Esteve em quase todos os municípios. Pense numa mulher pra dar trabalho. Uma vez ela foi pega pelos policiais da minha cidade, Vera Cruz, mas no caminho para a delegacia, ela conseguiu

quebrar as algemas, o porta-malas e fugiu. Passou-se um tempo e ninguém nunca mais a viu. Quem será o filho da mulher lobisomem? Até hoje ninguém sabe dizer.

O tio de minha avó atirou num lobisomem

Minha vó uma vez me contou uma história de um tio dela que atirou num lobisomem. Pois é, fique aí, leitor, que eu irei lhe contar os pormenores dessa história.

Ele morava num sítio, homem da roça, e criava algumas galinhas no quintal. Em um certo momento ele percebeu que algumas galinhas estavam sumindo, e toda noite ele escutava um furdunço no quintal, as galinhas cocórejando. Então ele disse "eu vou começar a 'pastorar' toda noite, pra ver o que 'mulesta' tá acontecendo aqui. Se tiver um cabra roubando as minhas galinhas, eu pego esse infeliz!". O velho preparou a espingarda e ficou brechando por um furo que tinha na porta. Quando a noite chegou, ele ficou de tocaia. Quando de repente as galinhas começaram a se agitarem, esse velho abriu a porta e correu com a espingarda nas mãos. Chegando ao galinheiro, ele avista um bicho grande, preto e peludo. Então ele disse "é agora que eu mato esse condenado!". Sem hesitar, o velho pancou-lhe bala nos pinhaços do lobisomem, e o bicho saiu correndo pela mata a dentro.

No dia seguinte, começou a haver um murmúrios rolando pela cidade. Um homem havia sido baleado no dia anterior. O tio de minha vó ouvindo isso, correu logo pro hospital, pois haviam dito que o homem estava lá. Ao chegar no hospital, viu o homem baleado e reconheceu o tiro que havia dado, até porque era daquelas espingardas que se usava pólvora. Provavelmente você, leitor, nunca nem tenha ouvido falar de tal artefato. Mas era algo bem comum aqui no nordeste. Só sei que ele ficou bravo com o baleado e disse, em pleno hospital, "cabra safado! Foi você que roubou minhas galinhas ontem. Tome vergonha nessa sua cara de cachorro, bicho imundo!". E, obviamente, todas as pessoas da cidade ficaram sabendo que aquele homem era um lobisomem, pois o tio de minha avó contou toda a história ao povo.

Final

Bem, essas são só algumas lendas que contei para ilustrar a matéria que povoou o meu imaginário quando eu era apenas um menino. Caso me venha a vontade de escrever mais sobre lendas que ouvi quando era criança, escreverei mais. Portanto, acalma-te, leitor, ainda tem muita história pela frente. Eu só contei essas histórias para dizer a importância que os mitos, lendas e contos de fadas têm na formação de uma criança - coisa que não se vê muito nos dias atuais. As crianças do século XXI já nascem sabendo que o Papai Noel não existe, e isso é um enorme tolhimento do imaginário. Se você voltar à educação da Grécia antiga, verá que a educação do povo grego era praticamente toda baseada na mitologia. As crianças decoravam toda a Ilíada e de lá tiravam modelos de vida, exemplos a serem seguidos. Se não

fosse a mitologia grega, hoje não teríamos Platão, Aristóteles, Sócrates e entre muitos outros grandes filósofos, literatos, músicos, etc. A mitologia grega é algo que influenciou muitíssimas gerações. E continua a influenciar. Mas não é só de mitologia grega que vivem os brasileiros. Nós somos um povo dono de uma criatividade sem limites. Temos uma enorme riqueza de lendas populares. Pena que nós, em plena decadência, logo quando deveríamos preservar o nosso patrimônio cultural, estamos deixando isso de lado. Nunca teríamos um Villa-Lobos, por exemplo, se não fosse o nosso folclore. É uma tristeza enorme que sinto ao ver que não só as novas gerações não fazem a mínima ideia sobre a nossa história e folclore, mas as gerações anteriores não estão dando a mínima em tentar repassar esta cultura, muito menos preservá-la.

Hoje, vejo muita gente se autodeclarando "conservador". Conservador de quê? O que é que você preserva? Como preserva? Será que, de fato, está resolvendo alguma coisa? Índio, pra nós, só é lembrado em data comemorativa, porque durante o resto do ano ninguém nem quer saber dos indígenas. Nós estamos dando muito valor ao que vem de fora, e nos esquecendo do que temos aqui. Você não é patriota se, em primeiro lugar, não se tem amor à língua pátria, ao folclore, à nossa literatura. Nós estamos numa merda tão grande, que a gente caga na cara dos grandes gênios que desta terra nasceram. Nossas escolas forçam um adolecente a ler Machado de Assis para fazer uma mísera prova. Mas esse é apenas o mínimo dos problemas. Ainda sou otimista demais ao acreditar que a nossa burrice e decadência irá chegar num piso, num limite, um ponto em que vamos parar e ver a lama em que nós nos encontramos. Mas aí já será tarde demais. E de quem será a culpa? Quem será julgado? Ninguém, pois os culpados já estarão com seus cadáveres roídos pelos vermes do demônio. Pois aquele que conduz o próximo à destruição, ah, esse! Esse terá um lugar especial dentre aqueles que queimaram no fogo eterno.

Por aqui encerro este texto, caro leitor, até a próxima - ou não.